



COMO COMBATER O RACISMO ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA DO ESTADO DO TOCANTINS

Lohranna Silva Costa 1; Yonier Alexander Orozco Marin 2

1 Universidade Federal do Norte de Tocantins – UFNT, lohrannacosta1@gmail.com

2 Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, PPGCult, Universidade Federal do Norte de Tocantins, UFNT), yonier.marin@ufnt.edu.br

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo caracterizar as percepções de alunos do ensino fundamental II, de uma escola estadual do Município de Araguaína, Tocantins, sobre a problemática bullying/racial, apresentando dados e a importância desta temática bullying e suas relações com o racismo. Caracterizamos especificamente, as percepções dos alunos de como eles consideram que o racismo pode ser superado na sociedade brasileira. Inicialmente apresentamos uma discussão sobre as diferenças entre bullying e racismo e sua relação com a biologia, as ciências e seu ensino. Por meio da análise das respostas dos alunos participantes a um questionário identificamos nos alunos posicionamentos de indiferença, passividade, engajamento inicial e engajamentos informados em relação ao combate ao racismo. Concluimos que é necessário fortalecer a educação e ensino de ciências e biologia como espaços para o combate ao racismo.

Palavras-chave: Bullying; Educação antirracista; Racismo científico.

Eixo temático: Educação Inclusiva em Ciências e Biologia - Diversidade de abordagens (religiosidade, gênero, necessidades especiais, mulheres, raça)

HOW TO COMBAT RACISM THROUGH THE PERSPECTIVE OF STUDENTS AT A STATE SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF ARAGUAÍNA IN THE STATE OF TOCANTINS

ABSTRACT

This study aimed to characterize the perceptions of elementary school students from a state school in the city of Araguaína, Tocantins, about the issue of bullying/racial issues, presenting data and the importance of this issue of bullying and its relationship with racism. We specifically characterized the students' perceptions of how they consider racism can be overcome in Brazilian society. Initially, we presented a discussion on the differences between bullying and racism and their relationship with biology, science and their teaching. Through the analysis of the responses of the participating students to a questionnaire, we identified positions of indifference, passivity, initial engagement and informed engagement in relation to



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

the fight against racism. We concluded that it is necessary to strengthen the education and teaching of science and biology as spaces for the fight against racism.

Keywords: Anti-racist education; Bullying; Scientific racism.

INTRODUÇÃO:

De acordo com Ohl e colaboradores (2009), o preconceito é um fenômeno produzido na tensa relação entre indivíduo e sociedade. Para os autores, preconceito étnico racial envolve como as relações sociais estão fabricando continuamente o outro e pode ser compreendido como uma técnica da dominação. O racismo é um fenômeno mais complexo que o preconceito, embora passa por ele, que envolve questões históricas, coloniais, psicológicas, estruturais, entre outras (Almeida, 2020). Partindo disso, o racismo passa pelo preconceito e a exclusão social de pessoas com base na cor de sua pele e pela forma pela qual se desqualifica o outro, ou o anulamos como não semelhante, ou seja, colocando o outro em um lugar inferior e atribuindo biologicamente a sua posição.

De acordo com Bolsanello (1996) as características do darwinismo social são hierarquizadas, haja vista que existe uma disputa entre os indivíduos para sobreviverem socialmente. O darwinismo social é a teoria da evolução da sociedade. Essa teoria se caracteriza por acreditar que existem sociedades superiores em relação as outras. Nessa condição, as que sobrevivessem física e intelectualmente deveriam acabar por se tornar governantes. Por outro lado, as outras supostamente menos aptas deixariam de existir porque não seriam, capazes de acompanhar a linha evolutiva da sociedade. Assim, elas entrariam em extinção acompanhando o princípio de seleção natural da Teoria da Evolução.

Blanc (1994) afirma que a teoria científica da seleção natural mostrava que os inferiores, os menos aptos deveriam morrer mais cedo e deixar menos descendentes. As afirmações relacionadas ao darwinismo social remetem um teor de ideias nas quais se identificam conflitos, persistindo na relação da hierarquização das classes sociais, nas quais para os cientistas das épocas passadas conseguiam afirmar que pessoas que nasciam com a cor de pele negra tinham que ser retiradas da sociedade, ou seja, de uma forma mais agressiva que seria a morte e conseqüentemente a exclusão da possibilidade de deixar descendentes.



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

Considerar esse elemento é importante, por exemplo, quando se ensina herança genética, pois pensamos nos países da América Latina como lugares de miscigenação, mas na verdade, o processo de miscigenação, apoiado pela ciência, consistiu num processo de embranquecimento da população (Marin, 2021).

As menções dos parágrafos anteriores retratam como teorias das ciências biológicas têm exercido um papel direto na instauração, reforçamento e reprodução do racismo como um fenômeno de exclusão em diversos níveis. Teorias associadas à evolução, mas também à genética, tem tido uma relação íntima como a perpetuação do racismo historicamente (Marin, 2021).

É importante ressaltar que a genética considerava que a definição e hierarquização das raças se baseavam em caracteres aparentes, nas quais eram selecionados e observados a cor da pele, a textura do cabelo e o tamanho do crânio. Essas características eram fatores promissores para divisão das raças humanas em pessoas mais aptas e menos aptas, onde quem era menos apta não poderiam se reproduzir e deixar descendentes (Bolsanello, 1996). Apesar de que a própria ciência tenha desmentido grande parte das teorias racistas, seu legado social e cultural continua vigente, manifestado em organizações sociais desiguais, até em atos de discriminação individual que continua reforçando constante discriminação de corpos racializados (Marin, 2021).

Segundo Oliveira (2007) acredita-se que a escola é o local ideal para se propagar a discussão a respeito do preconceito racial. Nas escolas existe uma grande diversidade de pessoas, mas também nas escolas há presença do racismo (Pinheiro, 2019). Escolas podem proporcionar palcos e espaços de discussões de conhecimentos e construções de relações étnico-raciais (Verrangia, 2021).

A ciência, entre ela as ciências biológicas e jurídicas, sustentaram a tese de que as raças ditas inferiores (negros, índios, mestiços) não poderiam ter o mesmo tratamento penal, justificando que os mesmos possuíam mentalidade infantil e, portanto, eram fracos. O racismo se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, às relações estruturais e institucionalizadas (Rocha, 2016). O racismo é gerador de muitas violências, guerras, desigualdades raciais, extremismo e perseguição religiosa. Esse teor de violência constrói o que se chama de bullying/racial. Problematizar



a questão do bullying e suas especificidades no crime de racismo deve e pode ser uma preocupação também do ensino de biologia, pois como professoras e professores vivenciamos essas experiências em sala de aula, e podemos problematizar esse histórico considerando o papel da ciência e da biologia no reforço desses estereótipos e hierarquias raciais.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo caracterizar as percepções de alunos do ensino fundamental II, de uma escola estadual do Município de Araguaína, Tocantins, sobre a problemática bullying/racial, apresentando dados e a importância desta temática bullying e suas relações com o racismo. Caracterizamos especificamente, as percepções dos alunos de como eles consideram que o racismo pode ser superado na sociedade brasileira. Com o propósito de discutir, nas escolas, estimular a empatia, respeito às diferenças, solidariedade, visando uma cultura de paz, mobilizar professores a trabalhar o tema em sala de aula, esclarecer aos alunos o que é bullying/racial e as consequências na vida das pessoas e desestimular a sua prática no ambiente escolar.

BULLYING E RACISMO, SÃO A MESMA COISA?

O bullying é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência e psicológica, na qual ocorrem por meio de intimidações, humilhações, xingamentos e agressão física, por meio de uma pessoa ou um grupo de indivíduo (Fante, 2018). Atualmente alunos são bombardeados por uma sucessão de ataques que são extremamente maldosos, resultando assim em danos nas suas vidas. Fante (2018) considera que o bullying é um fenômeno muito antigo, na qual se trata de uma forma de violência, existente em grande escala e principalmente nas escolas. Mesmo essa forma de violência sendo uma forma muito antiga, ela é considerada corriqueira ainda nos dias de hoje. Lopes Neto (2005) classifica que o comportamento dos agentes participantes do bullying escolar é de acordo com sua conduta ao outro. Observa-se que esse tipo de violência tem suas variadas especificidades, ou seja, ela pode ocorrer de várias maneiras sendo ela psicológica, verbal e física.

De acordo com Fante (2018), uma agressão só é considerada bullying quando o estudante é exposto repetidamente, por um tempo prolongado. Sendo assim é de tamanha importância e imprescindível a investigação desse tipo de agressão nas escolas. Assim



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

pode-se afirmar que o bullying se caracteriza a partir de ações sutis e veladas que são compreendidas como brincadeiras dos alunos. Melo (2010), por sua vez, diz que existe uma visão deturpada de comportamentos dos alunos, através de brincadeiras agressivas, que necessita de imediato um olhar investigador e concreto a respeito disso, para que assim seja tomada a correta providência quanto a essas violências. Para tratar dessa temática nas escolas, através das metodologias de aprendizagem e de resolução de conflitos é importante salientar a tarefa de promover um olhar crítico quanto à resolução deste problema.

O racismo vai muito além do que coincide o bullying. O bullying faz referência a práticas repetitivas, a qual acontece repetidamente em escolas ou em brincadeiras e que não são considerados crime. O racismo tem peso maior, pois o racismo envolve não só apenas uma brincadeira negativa e vai em direção maior, pois pode ocorrer dentro e fora da escola, negando oportunidades, limitando direitos, reforçando estereótipos, sendo que a pessoa pode sofrer bullying e racismo ao mesmo tempo. O racismo acontece de forma classificatória, tem carga histórica e estrutura o funcionamento social, para quem é negro, para além das brincadeiras, podem ocorrer consequências que vão desde falta de emprego, acesso à educação de qualidade, moradia, alimento ou até mesmo a sua sobrevivência (Gomes, 2005). O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo (Gomes, 2005).

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. Os comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição (Almeida, 2020). De acordo com Freire (2015) a convivência é posta no saber, onde indica que ensinar exige respeito, igualdade, criticidade, humildade, ética entre outros aspectos indispensáveis na aprendizagem dos alunos. O respeito exige um ensinamento importante para solucionar problemas relacionados ao cotidiano dos alunos, favorecendo a busca da formação de alunos preparados para opinar e solucionar problemas. Portanto, partimos da



consideração de que assumir o combate ao racismo, implica reconhecê-lo como um fenômeno mais amplo do que o bullying.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

De acordo com dados do IBGE, 70% da população do Tocantins é negra, preta ou parda. O Tocantins é o estado mais novo a fazer parte do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Sinapir), aspecto que sugere um papel do estado em relação a políticas públicas para superar desigualdades raciais no país e favorecendo o fortalecimento e desenvolvimento da política pública no estado para o combate ao preconceito e discriminação racial, passando pelas instituições escolares.

Este trabalho foi desenvolvido no marco de uma disciplina do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Norte de Tocantins, denominada de “Metodologia do Ensino de Biologia II”, disciplina que tem como propósito aproximar os estudantes com seu primeiro exercício de pesquisa na área de ensino, fortalecendo sua formação como professores pesquisadores da sua própria prática. Nesse sentido, foi planejada e desenvolvida uma oficina sobre as diferenças entre o bullying e o racismo com alunos do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola pública da cidade de Araguaína, na aula de ciências. Neste trabalho, enfocamos na análise das respostas que os alunos deram a um questionário aplicado no começo da oficina.

Foi aplicado um questionário para uma turma de 8º ano do ensino fundamental II, visando à temática bullying/racial nas escolas, e na perspectiva dos alunos, como seria possível superar o racismo. O questionário, segundo Gil (1999), pode ser definido como a técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. Com essa técnica foi possível elaborar o questionário para a aplicação na turma. Este questionário foi composto por três questões discursivas e duas objetivas. Tanto os alunos, como seus responsáveis legais assinaram termo de consentimento livre e esclarecido autorizando sua participação na pesquisa, conhecendo o objetivo da mesma e garantindo o direito de sigilo sobre dados de identidade.

Foram aplicadas as seguintes questões: O que é o racismo? Você já viu alguém sofrer racismo? O quanto você se preocupa com o racismo? Racismo é crime? Argumente. Como combater o racismo?

Neste artigo foi realizada uma análise qualitativa dos dados, onde se optou por caracterizar as percepções dos alunos, unicamente na última pergunta, porque na última pergunta remeteram muitas respostas à procura de discutir como poderíamos combater o racismo, através dessa perspectiva foi então pensado em trazer o posicionamento crítico dos alunos em relação ao tema. Consideramos as respostas à última pergunta, significativas para análise pois tratam da formação política e cidadã dos alunos e da maneira em que se posicionam perante o problema do racismo (Marin, 2021). Classificamos as respostas em quatro níveis de posicionamento em relação ao problema racial. Sendo 1: indiferente; 2: passividade; 3: engajamento inicial; 4: engajamento informado. As falas dos alunos foram marcadas com códigos aleatórios para preservar a identidade dos mesmos, como E1, E2, E3 e E4...

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O nível de *posicionamento indiferente* é aquele no qual o aluno demonstra nula ou escassa preocupação com a questão racial, ou inclusive, nega a existência do racismo e, portanto, não considera que devam ser realizados esforços ou ações para sua superação. Seja importante lembrar, como destaca Pinheiro (2019) que uma atitude indiferente diante do racismo contribui com a sua perpetuação e reforço.

De acordo com a primeira categoria a indiferença é caracterizada pela fala do aluno E5 ao mencionar que “Aqui não há racismo”, e a fala do aluno E2 “hoje tem muito mimimi com isso”.

Em relação à pergunta geradora que se tratava de como ele combateria o racismo, ele não demonstrou ou informou algum tipo de solução entorno de como se combater o racismo. Aspecto que sugere a necessidade da aplicação de uma educação antirracista (Pinheiro, 2019) e para as relações étnico-raciais (Verrangia, 2021), incluindo no ensino de ciências

e biologia, ciências que às vezes são apresentadas como distanciadas dessas discussões, mas nas quais é possível integrar essa luta (Marin, 2021).

O nível de *posicionamento de passividade* consiste em posicionamentos que embora reconhecem o racismo como um problema, ficam restringidos a uma preocupação em relação ao racismo, mas não apontam ou destacam ações, reflexões ou ativismos que podem ser implementados para superar o problema. É uma preocupação mais contemplativa. A fala dos alunos E1 e E11 representam este posicionamento ao destacar, respectivamente “me preocupo” e “acho muito triste o que os negros passam”.

Já é reconhecido dentro do campo da luta antirracista que não se faz suficiente não ser racista, empreender ações de combate contra o racismo é necessário. Esse aspecto sugere necessariamente não só a abordagem do racismo como um problema, mas também incluir na formação cidadã e crítica, espaços para pensar e refletir sobre alternativas viáveis a curto e longo prazo para combater o problema do racismo (Marin, 2021).

O *posicionamento de engajamento inicial* é representado pelas falas “Matar ou prender pessoas que comentem qualquer tipo de discriminação” (E9) e “A pessoa que comete racismo devia ganhar sentença de 30 anos e se voltasse a cometer novamente deveria ser levado à cadeira elétrica” (E14). Partindo dessa resposta percebe que o aluno reconhece o racismo como algo corriqueiro e que não tem muita eficácia em relação a ações envolvendo soluções a respeito dessa problemática. Mesmo com o teor problemático desses posicionamentos, e sua carga de violência, percebe-se que os alunos entendem que o racismo e o racista não podem sair impunes das suas ações. Porém o foco na punição sem respeito aos direitos humanos, pode não ser a melhor alternativa, pois o combate ao racismo, além de medidas punitivas deve passar por ações preventivas, estruturais e a longo prazo (Almeida, 2020)

A percepção deste aluno demonstra que ele tem posicionamento em relação a apresentar alternativas e soluções para o problema, porém é possível observar apenas um posicionamento inicial, mas não muito informada ou fundamentada em marcos de movimentos sociais ou acadêmicos. Novamente consideramos que a escola é um lugar fundamental para essa luta, incluindo o ensino de ciências (Pinheiro, 2019).



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

Por fim, no nível de *posicionamento do engajamento informado*, apresentamos a fala do aluno E4 que mencionou “Podemos combater o racismo com mais leis, palestras, campanhas, denúncias entre outras medidas”. Nessa fala pode-se observar que a aluna consegue se expressar com mais firmeza em relação a medidas que podem ser tomadas quanto ao problema gerador, propondo não só ações corretivas, mas também de reflexão e debate.

É nas escolas que ocorre um maior número de discriminação, os jovens passam por inúmeras formas de discriminações e rotulações. Através desse cenário que percebe o quanto professores, incluindo professores de biologia, podemos transmitir valores e reproduzir preconceito por não estarmos bem informados. Tanto uma formação inicial e continuada antirracista, como uma inserção dessas temáticas no ensino de conceitos científicos, poderia e deveria ser uma preocupação fundamental para o campo de ensino de ciências e biologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após a análise das discussões a respeito da temática e da última pergunta do questionário, constatou-se que alguns alunos não tinham posicionamento em relação a propor soluções para combater o racismo. Verificou-se que alguns dos alunos não têm propriedade sobre o tema, aspecto que pode estar relacionado com a falta da abordagem da temática nas escolas, na formação inicial e continuada de professores, especialmente na formação de professores e professoras de ciências e biologia. Mesmo que o racismo seja um problema já antigo de discussões, pouco aparece materializada em práticas escolares uma perspectiva antirracista, principalmente nas escolas que são os locais nos quais deveria ser responsabilmente abordado e discutido, pois é só através da educação que podemos ver e perceber a evolução e mudança no cenário a respeito da discriminação.

Este trabalho mostra a grande importância de se trabalhar o tema racismo nas escolas, pois, através da educação podemos pensar e planejar intervenções adequadas, ou seja, eliminando todo e qualquer tipo de preconceito gerado pelo racismo, proporcionando também que os professores e todo corpo docente das escolas sejam melhores informados no assunto e que possam promover mais campanhas, aulas, palestras, e abordagens



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

curriculares para que assim o racismo não prevaleça, mas que possa prevalecer o respeito, solidariedade e a paz entre todos os membros da instituição e fora dela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020, 220p.

BLANC, Marcel. **Os herdeiros de Darwin**. São Paulo: Scritta, 1994.

BOLSANELLO, M.A. **Darwinismo social, eugenia e racismo**. Curitiba (PR), 1996.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 8ª ed. São Paulo: Verus, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. (Org.). **Educação anti-racista: abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LOPES NETO, A. Bullying- comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.81, nº5, supl. 0. Porto Alegre nov.2005.

MARIN, Y. Caminos didácticos para la enseñanza de la biología y la lucha antirracista: una deuda histórica y una necesidad urgente. **Revista Voces y silencios**, v. 12, n. 1, p. 200-228, 2021.

OHL, N. G.; ANGELUCCI, C. B.; NICOLAU, A. N. e HONDA, C. Escolarização e preconceito: lembranças de jovens com e sem deficiência. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** v.13, n.2, p 243-250. Jul./dez. 2009.



IX ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE
"EDUCAÇÕES E BIOLOGIAS: pluralidade de abordagens e interseção dos espaços educativos"
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr
19, 20, 21 e 22 de Março de 2025

PINHEIRO, B. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 19, n. 1, p. 329-344, 2019.

ROCHA, R. (2016). **Racismo**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social.

VERRANGIA, Douglas. Relações étnico-raciais no ensino de ciências: ideias e valores para repensar nossas aulas. In: Galieta, T. (Org.) **Temáticas sociocientíficas na formação de professores**. São Paulo: Livraria da Física, São Paulo, 2021. p. 53-65.